

Deleuze e o pensamento do e no caos: a filosofia que des-dobra

Rodrigo Peixoto Barbara¹ **149**

Resumo:

Intenta-se com esse texto fazer uma reflexão da filosofia de Gilles Deleuze, filósofo francês do século XX. Para tanto, o presente artigo se subdivide em dois momentos: no primeiro abordando o CAOS, evidentemente percebido nos escritos deleuzeanos e, no segundo, discutindo seu pensamento sob o território da DOBRA, importante conceito dessa filosofia, advindo de uma revisitação leibniziana do Barroco. Esse estudo está ancorado teoricamente no plano cognitivo de um movimento denominado Pós-estruturalismo, este, fundamentado nas e a partir das teorias do filósofo alemão Friedrich Nietzsche e difundidos pelos pós-nietzschianos: Félix Guattari, Michel Foucault, Jacques Derrida, entre outros pensadores e precursores da chamada Filosofia da Diferença. Subsidiar-se-á teoricamente, também, em pesquisadores mais recentes, aqueles que podem ser considerados subversivos pela incitação com o presente campo do conhecimento.

Palavras-chave: Deleuze. Caos. Dobra. Filosofia. Diferença.

Deleuze and the thought of and in the chaos: the philosophy that un-folds

Abstract:

This text attempts to reflect on the philosophy of Gilles Deleuze, French philosopher of the 20th century. For this, the present article is subdivided in two moments: in the first approaching the CHAOS, evidently perceived in the deleuzian writings and, in the second, discussing its thought under the territory of FOLD, important concept of this philosophy, coming from a Leibnizian revisitation of the Baroque. This study is anchored theoretically in the cognitive plane of a movement denominated Post-structuralism, this, based on and from the theories of the German philosopher Friedrich Nietzsche and diffused by the post-Nietzschean ones: Félix Guattari, Michel Foucault, Jacques Derrida, among other thinkers and precursors of the so-called Philosophy of Difference. Also theoretically, more recent researchers will subsidize those who may be considered subversive by incitement to the present field of knowledge.

Keywords: Deleuze. Chaos. Fold. Philosophy. Difference

¹ Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, pela Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás. É pesquisador das performances cênicas, literárias, filosóficas e culturais, sendo um experiment-ator das Poesias Transgressoras de Manoel de Barros, aventureiro do e no pensamento nietzschiano acerca do Trágico, afim dos Platôs de Gilles Deleuze e Félix Guattari e da Crueldade e do Teatro da Crueldade de Antonin Artaud. E-mail: teatrodrigo.arte@gmail.com

. Deleuze e o pensamento do e no caos

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível.

DELEUZE, 2011, p. 11

Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.

DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 19

Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês, radicado por muitos estudiosos de sua filosofia em um movimento denominado como pós-estruturalismo², teve uma forma peculiar de trabalhar e difundir os seus pensamentos filosóficos. Leitor de Baruch Spinoza, Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, entre outros, Deleuze proporcionou uma reviravolta na filosofia e, com isso, deslocou o pensamento do seu lugar costumeiro/acostumado. Sempre preferiu a forma mais difícil de escrever e de se fazer entender, pois não tinha predisposição para as clarezas. Uma dessas formas foi quando, com Félix Guattari, ousou desenvolver vários escritos, construir uma rede de platôs, de mil platôs, de maneira a fazer com que o pensamento se intercambiasse, afinal, já não seria apenas uma cabeça pensando e duas mãos escrevendo, mas duas cabeças pensando, quatro mãos escrevendo e uma multiplicidade de interferências acontecendo. Deleuze, na companhia de Guattari, assim como podemos notar no livro **O que é a filosofia?** torna-se, acima de tudo, um grande reciclador do pensamento. Um restaurador de conceitos. Nessa mesma obra (*O que é a filosofia?*), Deleuze e Guattari disseram que a filosofia é a criação de conceitos, porém, o leitor atento a esse campo do pensamento é capaz de constatar que muito mais do que criadores de conceitos, Deleuze e Guattari foram subversores dos conceitos já existentes. Com eles, os conceitos adquiriram outras potências, se desterritorializaram: o rizoma nessa filosofia se difere do rizoma apreendido pela botânica; o Corpo sem Órgãos, de Antonin Artaud, adquiriu outra dimensão; falar de desejo é falar de produção desejante e não mais de desejo como falta, assim como definiu a psicanálise freudiana; as máquinas ganham versões abstratas e não lidam com funções, mas sim com agenciamentos; os devires, estes, deixam de ser imitações e se

² Pós-estruturalismo é um movimento iniciado no ano de 1960 que revela uma “total ruptura de nosso senso seguro do significado e referência na linguagem, de nosso entendimento, de nossos sentidos e das artes, de nosso entendimento da identidade” e mais ainda “de nosso senso da história e do papel dela no presente e de nosso entendimento da linguagem como algo livre do trabalho do inconsciente”. É um “estruturalismo radical”, ou seja, “ele alerta contra a violência, às vezes ostensiva, às vezes oculta, de valores estabelecidos como uma moral estabelecida, um cânone artístico ou uma estrutura legal fixada”, porém, “cumpre notar que isso não significa que ele os negue; antes, ele trabalha dentro deles pelo melhor” (WILLIAMS, 2013, pp. 16, 17).

reafirmam como zonas de vizinhança tão sutis que muitas vezes são imperceptíveis. Nesse contexto, o filósofo e professor, Roberto Machado, no prefácio que escreve para o livro **Sobre o teatro**³, relata o seguinte: “como, então, Deleuze cria os conceitos de sua filosofia? De um modo bastante original: partindo do que foi pensado por outros, sejam filósofos ou não, e integrando esses elementos como conceitos de sua própria filosofia” (MACHADO, prefácio de, DELEUZE, 2010, p. 8). “Os escritos que contaram com a participação de Deleuze podem ser resumidamente pensados como variado lugar de encontros, como movediço lugar de articulações” (ORLANDI, 2000, p. 49).

Com isso, podemos dizer que a criação de Deleuze é uma criação sustentada em um movimento dos avessos, explorando dos conceitos uma outra dimensão da qual estão alicerçados. Não se inverte, se subverte e se reconfigura do nada. É nesse sentido que podemos dizer que Deleuze não foi apenas um infrator dos e nos conceitos, mas antes, um pensador que explorou e extrapolou a base principal de criação destes⁴. Partindo de um pensamento acerca da “Crueldade”, de Antonin Artaud, que dimensiona esse termo/conceito como algo que potencializa a vida, de necessidade de algo implacável, de rigor cósmico, podemos dizer que Deleuze é um pensador cruel da filosofia. Cruel, porque lida com um pensamento não costumeiro, de difícil acesso para um pensamento acostumado, de conceitos que se misturam e se completam em uma filosofia rizomática, que faz do pensamento uma máquina de guerra a afrontar o próprio pensar. Uma filosofia que é desconfortante, que movimenta, que promove o caos dentro do caos que vivemos. Deleuze soube compreender, assim com Nietzsche e demais outros pensadores da Diferença⁵, a trama caótica em que estamos inseridos. Aquilo que foi adiado e/ou excluído por Platão, Kant, Hegel, Descartes, entre outros, Deleuze e todos os seguidores desse movimento filosófico da Diferença resolveram colocar em pauta. Resolveram discutir e difundir. Aquilo que era sombrio e considerado como polêmico para os filósofos conservadores, os da Diferença evidenciaram.

³ Esse livro reúne dois textos que Deleuze escreveu sobre o teatro: um sobre o teatro de Carmelo Bene (Um manifesto de menos) e outro sobre o teatro de Samuel Beckett (O esgotado). O nome do livro (Sobre o teatro) não foi concedido por Deleuze, mas por Roberto Machado, o organizador da obra.

⁴ Nesse contexto Willians (2013) elucida que “Deleuze é o mais inventivo criador moderno de novos conceitos e sistemas e faz as mais difíceis reinvidicações da realidade de novas e estranhas visões filosóficas da realidade” (p. 96).

⁵ A Filosofia da Diferença é um território desterritorializado do saber filosófico. É uma filosofia que tem como primado, assim como nos pontua Deleuze e Guattari (2010), a criação de conceitos. Conceitos estes que advêm de uma explosão de outros conceitos, da singularidade advinda de uma multiplicidade, de uma extensão do pensamento. “Que toda filosofia dependa de uma intuição, que seus conceitos não cessam de desenvolver até o limite das diferenças de intensidade, esta grandiosa perspectiva leibniziana ou bergsoniana está fundada se considerarmos a intuição como o envolvimento dos movimentos infinitos do pensamento, que percorrem sem cessar um plano de imanência” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 50, 51). A Filosofia da Diferença é uma abertura na e da própria filosofia, pois coloca em xeque as certezas, as essências, as doutrinas, a razão e faz emergir desse contexto clássico, uma filosofia pluralista, heterodoxa, nômade e com pensamentos ‘rebeldes’.

No entanto, por serem precursores de um pensamento que apresenta o mal quisto, o mal visto e o excêntrico, tais filósofos da Diferença foram tidos, assim como nos elucidou Scarlett Marton, como os ‘Pensadores Rebeldes’.

Ao passo que, lidar com as incitações caóticas que compreendem o contexto humano, social, cultural, tecnológico, de rebeldia contra o sistema, fundamentam uma filosofia que coloca em cena o que há anos foram silenciados por outros pensadores, também fundamentam um caos na própria filosofia. Muito mais que fundamentar um caos, o promove. O que pode ser proposital, visto que lidamos com o caos constantemente. Mas que pode também provocar um desarranjo, um desconforto, uma desordem no pensamento tanto de quem escreve como de quem lê. Lembramos que, ao apontar tais características, aqui, não queremos reportar juízos de valores e nem apontar o certo ou o errado, uma vez que estamos discutindo um contexto que, por necessidade e convicção, foi e é transgressor. O caos compreende o movimento inconstante da vida e esta, por sua vez, anseia por um pensamento filosófico que dê conta dessa movimentação.

Sabemos que, mesmo participando de um determinado circuito filosófico, os pensadores que o compõem possuem formas diversificadas de se posicionarem. Quando nos deparamos e nos dedicamos a uma apreciação das obras dos filósofos, amigos na Diferença, como Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Félix Guattari e Gilles Deleuze, vemos que existe em cada um, uma forma singular de expressar seu pensamento. Nesse mesmo cenário, e trazendo Nietzsche⁶ para uma comparação, podemos dizer que, entre os filósofos supracitados, Deleuze foi o que possuiu as estéticas de escrita e de pensamento mais semelhante com as do filósofo alemão. Deleuze, assim como Nietzsche, trabalhou com uma certa desordem no pensamento. Ao mesmo tempo que estavam escrevendo sobre uma coisa, intercambiavam-se e, a consequência disso tudo, eram obras totalmente rizomática, caóticas, múltiplas. Não que os outros pensadores da Diferença não contivessem a potência estética subversiva de Nietzsche em seus escritos, mas em Deleuze ousamos dizer que a semelhança foi mais notória: “tanto é que na filosofia da afirmação plena, na filosofia da diferença, na filosofia da imanência, numa palavra, na filosofia deleuzeana, são profundas e múltiplas as marcas deixadas por Nietzsche” (MARTON, 2000, p. 235).

Foucault, em seu seguimento transgressor, alinhou seus pensamentos em prol de discutir uma arqueologia do saber, uma hermenêutica do sujeito e a rede de poder em que

⁶ Friedrich Nietzsche foi o precursor desse pensamento pós-estruturalista e importante para a fundamentação da Filosofia da Diferença. “A forma de suas respostas e de seus ataques (os de Nietzsche) aos legados kantiano e platônico são muito importantes para o desenvolvimento do pensamento pós-estruturalista” (WILLIAMS, 2013, p. 30, grifo nosso).

estão imbricados. Derrida dedicou a discutir com mais veemência a questão da desconstrução que, por intermédio da literatura, da escritura, nos permitiu pensar outros movimentos de desconstrução. Félix Guattari, mesmo tendo escrito obras com Deleuze, possuiu uma vertente mais central, acerca da política e da estética. Esses pensadores, participando de um movimento transgressor, dedicavam-se a determinados focos de pensamento. Deleuze, portanto, foi mais caótico e, intermediado por uma interpretação bem particular nossa, levando em consideração o que apresentamos a priori, é que podemos o considerar, aqui nesse estudo, como o filósofo do caos. E por que o filósofo do caos? Basta observarmos a bibliografia de Deleuze que teremos a resposta para essa pergunta. Uma bibliografia expansiva, múltipla, com interconexões de pensamentos, com fluxos e cortes, tal como o rizoma discutido no **Mil Platôs Vol. 1**.

Deleuze dedicou em sua filosofia especial atenção a pensadores que, de uma forma singular, o ajudaram e até mesmo incitaram vários de seus escritos, entre eles podemos elencar as obras: **Espinosa: filosofia prática** (2002), **Nietzsche** (2014), **Proust e os signos** (2003), **Kafka: por uma literatura menor** (1977) e **Foucault** (2013). Deleuze escreveu também sobre pintura (**Francis Bacon: lógica da sensação** – 2007), teatro (**Sobre o teatro** – 2010), cinema (**A imagem-tempo** – 2005), entre outras abordagens. Nas obras em que Deleuze se propôs (se é que ele se propôs) a discutir ‘apenas um determinado assunto’, podemos dizer que tal proposição foi apenas uma proposta inicial, pois no interior dessas obras, que tinham a pretensão de discutir sobre algo, Deleuze muitas vezes trazia para a sua construção teórica, diversos outros conceitos e assuntos. Se bem que, lendo as obras desse filósofo, podemos dizer que Deleuze não teve interesse em direcionar o pensamento em ‘apenas um determinado assunto’, mas trazer para determinado assunto, as possíveis, plausíveis e até mesmo as ousadas conexões. É nesse contexto que podemos dizer da ousadia que o presente filósofo francês teve ao dispor seus pensamentos em obras.

Por dar continuidade a um pensamento transgressor, tendo como subsídio Espinosa, Nietzsche, Artaud, etc., Deleuze se fez um importante pensador, pois, além de retrabalhar os conceitos, dando a eles diferentes e novas potencialidades, ousou discutir, também, sobre assuntos polêmicos que precisavam ser evidenciados. Esses assuntos certamente, assim como os conceitos trazidos de outros pensamentos filosóficos e não filosóficos, tiveram como base o pensamento de outrem. Deleuze disparou acerca do que alguém evidenciou, para propor outros rumos. A filosofia deleuzeana, como pudemos notar, é uma filosofia do empréstimo,

da captura, do roubo⁷. A transgressão de Deleuze está fundamentada no estreito espaço entre o que já existe e o que será criado por ele. Com isso, realçamos a atenção dada por esse filósofo à leitura e à observação aos campos do conhecimento que ele pretende trabalhar. Para ser criador de uma filosofia que parte de conceitos já criados e pensamentos já expostos, é necessária uma dedicação exclusiva a esses conceitos e a esses pensamentos. Deleuze, em sua condição de filósofo foi, antes de tudo, um observador atento, um leitor insaciável, um experiente investigador das bases que fundamentam os assuntos por ele discutidos. Uma filosofia que se dispõe a trazer para seu contexto de discussão, a multiplicidade, não podia se dar de outra forma. Foi preciso conhecer de perto toda a rede de criação dos conceitos e pensamentos para então desenvolver outra potência, promover a desterritorialização e, com isso, criar.

Deleuze, ao desvendar e inventar segredos, tornou-se senhor de suas velocidades e de seus próprios problemas, criou conceitos e desfez infinitamente o que foi tomando formas fixas, impedindo, assim, que seus leitores pudessem aprisionar sua filosofia em uma escola, na esfera do ser das essências, em uma totalidade orgânica, pois disse sim à divergência, às disjunções, à multiplicidade: obra em devir (HEUSER, 2010, pp. 29, 30).

Criar para Deleuze, em todas as suas especificidades, está ligado ao devir, como pontuado por Ester Heuser. Essa criação-devir propende muito mais a uma nova dimensão/potencialização do que já existe, do que um ineditismo, ou seja, criar algo nunca pensado. Se bem que, o ineditismo, esse algo nunca pensado, também cabe na filosofia deleuzeana, visto que essa nova dimensão, essa outra potencialidade do que já existe acaba sendo algo inédito, algo nunca pensado, ou melhor, algo que dê o que pensar. Em uma interpretação acerca do que conhecemos sobre Deleuze, o proponente de uma filosofia nômade, transgressora e que dobra, des-dobra e redobra ao infinito, podemos dizer que ele teve muito mais a intenção de interferir nos conceitos e nos pensamentos para pensar uma outra coisa, do que preocupado em contrapor.

A filosofia de Deleuze consiste na criação de novos modos de organização em estruturas que levem um conflito bloqueado a se abrir. Não se trata de resolver o conflito, e menos ainda de decidir em favor de um ou outro lado. Trata-se de introduzir novas sensações e ideias que ponham os dois lados em movimento para além de uma crescente oposição decorrente do acirramento de representações antagônicas. É claro que não há garantias de sucesso, quanto mais de uma paz perpétua. Mesmo assim, ao abrir a situação, ao forçar identificações embrutecedoras e excludentes a se romperem, o pós-estruturalismo de Deleuze pode ser um fator poderoso de mudança política (WILLIAMS, 2013, p. 102).

⁷ Deleuze e Guattari em, **O que é a filosofia?**, disseram que só se deve roubar no intuito de criar algo novo, do contrário, tal ação se torna uma cópia, um plágio e, no entanto, não é filosofia, não é criação.

Tal como nos apresenta James Willians, a mudança política de Deleuze está no funcionamento de sua filosofia em criar novas potencialidades daquilo que já existe, na interferência em algo que, por conveniência ou não, está consolidado. No entanto, tal mudança não passa pelo crivo de uma coisa ser melhor ou pior. Talvez ele não tivesse interessado em saber se algo condizia ou não com seu pensamento, mas sim, como que de algo, outra coisa poderia surgir. Ele interferia nos conceitos e nos pensamentos da forma como um garimpeiro para daí dimensionar outras potencialidades e pensar, por intermédio de uma possível ‘estrutura’, um ‘estruturalismo radical’. O que fez com que Deleuze não se fixasse em um campo do conhecimento foi a sua disposição para o nomadismo.

O filósofo francês disse, como podemos observar nas epígrafes que abrem esse texto, que a escrita é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se e que quando estamos escrevendo, passamos pelos nossos diversos devires: mulher, animal, vegetal, molecular e até mesmo pelo nosso devir imperceptível. Seu pensamento do e no caos, certamente tem ligação direta com os casos de devires, tais como salienta ele próprio. Em **Crítica e Clínica**, especificamente no tópico “A literatura e a vida”, Deleuze aponta que, como escritores, precisamos “inventar um povo que ainda falta”. Precisamos “produzir uma escrita revolucionária”, uma ‘literatura que delira’. Precisamos estar aptos a um “devir-outra língua”, sermos “estrangeiros da nossa própria língua”, “fabricando para si, o escritor, sua língua”. É por esse fato que a filosofia de Deleuze é uma filosofia rizomática, uma filosofia do caos. Que se entremeia com assuntos diversos e assuntos diversos são matérias para a sua filosofia. Não há limite para o pensamento quanto este se fundamenta em Deleuze. Inventar um povo que falta não é inventar um povo que não existe, mas um povo que existe e que, por diversas circunstâncias, é silenciado, apagado, esquecido. Inventar um povo que falta é dar visibilidade e evidenciar o que é tido como o insignificante, o menor, o ex-cêntrico. Deleuze dá outras significações para os insignificantes. Inventar esse povo que falta é o mesmo que afirmar a multiplicidade deleuzeana, é derrubar a barreira do individualismo, da identidade, dos binarismos, da universalidade, do eu. Nesse ponto, coloca-se o que é tido como a norma e o culto para delirar e, o delírio, na literatura, ele é subversivo, pois inverte a norma, ou melhor, rompe com a norma. Literatura que delira é uma literatura maldita, mal dita e mal quista, pois evidencia esse povo que falta, esse povo que foi silenciado. É, sem dúvidas, revolucionário. Um devir-revolucionário. A revolução, aqui, vem mais como interferência no sistema tido como o certo e inviolável do que uma abolição desse sistema. É provocar o caos nesse espaço aderindo a ele esse povo que ainda falta. E isso não é uma tarefa fácil. Criar para

si sua própria língua seria o mesmo que criar para si um Corpo sem Órgãos⁸, ou seja, um espaço cri-ativo que extrapola toda forma de aprisionamento que vem para limitar a vida, a criação. E delirar, é propor um outro movimento, é des-potencializar, potencializar e re-potencializar os conceitos e os pensamentos. É ser estrangeiro em e da sua própria língua.

Contudo, podemos dispor Deleuze, esse filósofo francês, como um estrangeiro da sua própria língua. Aquele que se delirou com o conhecimento e, por intermédio desse delírio, fez com que a filosofia delirasse. Chegar ao ponto do delírio, na filosofia subversiva de Deleuze, é, como já dito, deslocar os conceitos seja da própria filosofia, seja do teatro, da literatura, do cinema, para pensa-los de uma forma diferente. Um filósofo sendo perturbado⁹ pelo conhecimento do teatro, delira a sua filosofia com a sabedoria teatral e vice-versa. Outro exemplo seria o do delírio entre filosofia e literatura. Ao propor um plano de pensamento entre a filosofia e a literatura de Kafka, Deleuze nos permite adentrar em um delírio que ele denominou como literatura menor. Literatura menor, conceito que é abarcado pelo caos filosófico de Deleuze, assim como inventar um povo que falta, esse povo que existe, mas que ainda é silenciado, não é menor, pelo crivo da inferioridade e superioridade da construção literária, mas uma literatura menor, por ser deixada à margem, por ser considerada margem devido ao estilo, ao assunto abordado, à política, à desterritorialização da língua, entre outras especificidades. Para ser considerado um povo que existe, mas que ainda falta, ou uma literatura menor, tanto esse povo, quanto essa literatura, deleuzeamente falando, precisa elucidar a margem, o ex-cêntrico (ou o descentralizado, ou mais ainda, descentralizar o centro e desmarginalizar a margem).

Somente esse povo que falta é capaz de escrever uma literatura menor, e essa literatura menor só pode ser escrita por esse povo que ainda falta, ou seja, um povo que pouco a pouco está sendo inventado e passando a existir. Acerca desse contexto, uma ressalva que podemos fazer, tendo como subsídio o cenário atual que estamos vivendo, é que Kafka, dentro

⁸ O Termo/conceito ‘Corpo sem Órgãos’ foi pensado primeiramente por Antonin Artaud no intuito de refletir sobre as possibilidades de libertação do nosso corpo anatômico, dos seus automatismos. Libertar o corpo de tudo aquilo que o aprisiona e o impede de criar sua dança, sua autonomia. Em uma reflexão particular, podemos dizer que somente seria capaz de atuar no Teatro da Crueldade, de Artaud, o ator que possuísse, plena e conscientemente um CsO. Em um outro movimento, Deleuze e Guattari se apropriam do Termo/conceito do CsO (abreviação do Corpo sem Órgãos por Deleuze e Guattari na obra **Mil Platôs Vol. 1**) artaudiano para pensar, de forma mais abrangente, na trama sociocultural em que estamos, todos nós, inseridos. O Corpo pode ser pensado como o mundo e os órgãos como os organismos que regulamentam tudo e todos. Pensar, resumidamente, em um CsO na filosofia de Deleuze e Guattari, é pensar em meios de sair dos paradigmas que enquadram o pensamento, as pessoas e a vida.

⁹ Nesse texto trabalharemos, como já estamos fazendo, com termos tidos como agressores, tais como: rebeldes, subversivo, perturbadores, entre outros. Esses termos, ligados à filosofia da Diferença, vem pontuar uma necessidade em pensa-los, mesmo ligados aos seus significados rotineiros, como uma transgressão a favor de uma outra forma de pensar, de criar.

do campo da literatura menor, escreve uma literatura menor não por ser um escritor à margem, ou componente dessa classe de povo que ainda falta, mas por discutir assuntos que, para um pensamento polido severamente por um padrão de conduta, é considerado como polêmico, desnecessário e desobediente. No entanto, fazendo uma correção nossa mesmo, devemos dizer que é capaz de escrever uma literatura menor, aquele que também se encontra vinculado a um grupo de célebres pensadores. Ou, outra reflexão que podemos fazer, é que dentro desse grupo célebre de pensadores, ser um pensador/povo que ainda falta, é se desvincular de um pensamento acostumado para criar formas distintas de dar evidência ao que está reprimido. Sendo assim, Kafka, Spinoza, Nietzsche, Artaud... são cânones da escrita, mas que, por serem rebeldes do pensamento e afrontar toda uma muralha conservadora, são esses povos que ainda faltam e que vêm surgindo, aqueles que, por evidenciar o que está oculto do e no conhecimento, são proponentes de uma literatura menor. Nesse contexto, podemos capturar de Jean-Luc Nancy (2000) a ideia de contemporâneo para refletir sobre pensadores que, mesmo cronologicamente distantes, subsidiam uns aos outros:

Um contemporâneo nem sempre é alguém que vive ao mesmo tempo, tampouco alguém que fala de questões abertamente “atuais”. Mas é alguém cuja voz, ou o gesto, reconhecemos vir de um lugar até então desconhecido e imediatamente familiar, que descobrimos que esperávamos, ou que ele nos esperava, que estava ali iminente (NANCY, 2000, p. 111, grifo do autor).

É nesse lugar desconhecido (a filosofia) e imediatamente familiar (a filosofia) que podemos situar Deleuze e seus antecessores e sucessores contemporâneos tal como definiu Nancy. Deleuze, desse lugar, abrindo espaço para a discussão de uma literatura menor e incitando a invenção de um povo que ainda falta, deu uma atenção especial para as margens, para aquilo que era tido como a rejeição e os rejeitados da sociedade. Em uma vertente dogmática, cristianizada, pensamentos tais como estes fariam de Deleuze um santo. O santo dos excluídos. O que não vem ao caso, visto que o filósofo francês está mais para deturpador do que para santidade. Até porque, as questões que foram trabalhadas por Deleuze e demais outros pensadores da Diferença, que tentaram e intentaram inventar um povo que ainda falta, uma literatura menor, uma escrita revolucionária em que o desejo é produção e não pecado, não são questões plausíveis para uma tradição ortodoxa. Em outras palavras, criar esse povo que ainda falta seria o mesmo que dar vozes aos demônios que a tradição duramente emudeceu e o que é revelado por uma literatura menor, pela filosofia do caos, seriam os pecados que precisariam permanecer obscurecidos. Talvez tenha sido apresentado tardiamente nesse texto qual a corrente de pensamento que Deleuze combateu. Mas diante de tudo o que foi exposto nessa escritura, não fica muito difícil de detectar. Assim como Nietzsche, Deleuze

se colocou a favor do pensamento livre, sem regras e imposições que impedem a criação e a vida de ser potência criativa, pois ele (Deleuze) insiste nos aspectos criativos do pensamento, pois o papel deste é revivificar estruturas que tendem a fixidez (WILLIAMS, 2013, p. 84). Deleuze re-ativa a vida, por intermédio de sua filosofia do caos, pois é isso que a vida é, o caos. O pensamento da vida é um pensamento caótico, não manipulador, muito pelo contrário, o pensamento é traiçoeiro, flexível, de deslizes, antiaderente. Não manipula, porque não firma bases e lida com o inconstante. Não tem o que aderir e nem pretende aderir nada, por isso dele ser antiaderente e não manipulador. Deleuze ao invés de manipulação, fala do pensamento como máquina de guerra, ou seja, de combate pelo pensamento¹⁰. É por intermédio desse fato que a filosofia, deleuze-guattarianamente falando, é criação de conceitos. É no choque, no combate, no próprio caos, na guerra do pensamento que a transgressão acontece e que a filosofia ganha outra dimensão. Sai do plano do sublime, da contemplação e passa a ser ação, conexão, ruptura, movimento e acontecimento. Os filósofos da Diferença saem do plano transcendental em que reina a soberania e a hierarquia dos filósofos em relação aos outros seres mortais e ganham uma potência dionisíaca, isto é, passam de seres intocáveis a seres da vida. Não se anula a vida, mas pensa a vida de forma pulsante, mundana, tocável e transformável. E é nesse terreno que podemos situar também a desterritorialização filosófica de Deleuze.

Quando nos deparamos com os posicionamentos de Nietzsche e os de Deleuze, conseguimos perceber notáveis e diversas diferenças, o que é normal, mesmo Deleuze sendo um pensador incitado pelos pensamentos de Nietzsche. A preocupação de Nietzsche, muitas vezes esteve direcionada em afrontar os dogmas e em questionar rigorosamente algumas soberanias há tempos impregnadas tanto no conhecimento, quanto nas pessoas e, a preocupação de Deleuze, como podemos observar em suas obras, esteve mais ligada com a criação dos conceitos, com o desenvolvimento de um plano de pensamento em que se pudesse trabalhar de diversas formas determinados assuntos. Não queremos dizer que Deleuze não tinha um posicionamento contra as soberanias dogmáticas, mas esse não foi o principal eixo de suas investigações. Nesse ponto devemos concordar que Nietzsche foi mais sistemático do que Deleuze. Mais direto, mais objetivo, mais pontual e mais rebelde. Após o pontapé inicial de Nietzsche, abriu-se o cercado para uma nova forma de pensar, para uma fundamentação de

¹⁰ Sobre essa proposição de combate pelo pensamento, Heuser vem contribuir ao dizer que “Deleuze compreende que a produção do pensar no pensamento precisa ser provocada, caso se queira sair do mero exercício de reconhecimento; caso se queira ultrapassar os esquemas sensoriais-motores dos quais a consciência de qualquer um se encarrega de produzir para suportar o insuportável, para se esquivar do desagradável demais, para se resignar do aterrorizante, enfim, caso se queira quebrar o modo comum pelo qual estamos habituados a encarar o mundo” (HEUSER, 2010, p.30).

uma filosofia da Diferença. É com Nietzsche que começamos a enxergar o rizoma e os múltiplos caminhos de uma filosofia do caos¹¹. Foucault seguiu por um caminho, Derrida por outro, Guattari por outro e Deleuze por outro. O caminho de Deleuze é uma agressão ao pensamento e uma agressão feita pelo pensamento. Deleuze não se dedica a rebelar partidariamente por algo, mas a agir como um ousado reutilizador e, na maioria dos casos, como um reciclador daquilo que já existe para a criação de algo novo¹².

O Pensamento de Deleuze, seja pelas crises, pelos fluxos e cortes, pela exacerbação de conceitos que ele vai misturando, na perdição que ele vai entrando e nos levando junto, é um pensamento-rizoma, que nunca se fecha, mas que se localiza e se deslocaliza ao mesmo tempo. É muito difícil ler as obras de Deleuze sem fazer diversas conexões. Estamos conectados nesse caos. É um emaranhado que não tem fim. É um sistema totalmente desconcertante que lida na maioria das vezes com o avesso das palavras, dos conceitos, das coisas. Nunca estaremos de frente com os conceitos, mas sim, dentro destes, dentro da filosofia, para desarmar suas bases, descobrir outras potencialidades e desterritorializar. E, com isso, des-dobrar um caminho, na Diferença, para a filosofia.

A filosofia que des-dobra

Até aqui viemos falando de uma filosofia do caos em Deleuze, por isso, termos apresentado tantos conceitos caros a esse plano de pensamento. Apresentado, porém sem darmos muitos detalhes de cada um deles. Tanto o devir, quanto as máquinas abstratas, a desterritorialização, o Corpo sem Órgãos, o rizoma, a literatura menor, entre outros conceitos aqui elencados, compreende uma amálgama complexa de pensamento e seria necessário um texto inteiro para discutir cada um deles. Talvez até mais, visto que Deleuze dedicou obras e mais obras para fazer funcionar os conceitos por ele elucidados. Mas não é nossa pretensão discutir separada e demoradamente cada um desses conceitos, visto que não é este o foco do presente estudo. No entanto, pensar na e a filosofia do caos de Deleuze nos leva direta ou indiretamente a transitar por muitos desses termos. Quando temos como eixo de estudo a filosofia e dentro desta, a filosofia de Deleuze, logo nos vêm ao pensamento, e isso acontece muitas vezes com os leitores dessa filosofia, conceitos como devir, desejo, desterritorialização, acontecimento, mas, o mais comum é o rizoma. Deleuze está diretamente

¹¹ Devemos esclarecer que, antes de Nietzsche, pensadores como Heráclito e Spinoza também tiveram posicionamentos transgressores para a sua época. E, tais posicionamentos influenciaram nos pensamentos de Nietzsche.

¹² Existe uma diferença importante entre reutilizar e reciclar: reutilizar: utilizar para outros fins; reciclar: transformar em matéria-prima para depois transformar em novos materiais ou produtos.

ligado ao rizoma. Quando se fala em Deleuze, imediatamente lembramo-nos do rizoma, mesmo sendo este conceito trabalhado tanto quanto ou até menos que os outros conceitos. Deleuze demora na investigação do rizoma no **Mil Platôs vol. 1** e, em outras de suas obras, esse termo muitas vezes é apenas pincelado, mas não tão evidente. Então por que Deleuze vem com o estigma tão forte do rizoma? Acreditamos que por dois motivos. Primeiro porque o rizoma seja o estudo foco do primeiro Mil Platôs¹³ e este seja o livro de apresentação inicial dessa filosofia¹⁴. Muitos acabam tendo acesso a essa obra e as pesquisas vêm ligadas à discussão do rizoma, por ser este, entre os conceitos elucidados por Deleuze, o mais comum (não que seja). O segundo motivo, e acreditamos que este pode ser observado mais comumente pelos estudiosos de Deleuze, é que a estética de escrita deleuzeana é rizomática. E o que viria a ser essa estética rizomática? Para respondermos, rememoraremos o que disseram Deleuze e Guattari acerca do rizoma. O rizoma é feito de platôs, e platôs é toda uma “multiplicidade conectável com hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e a estender um rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 44). O rizoma para Deleuze e Guattari (2011) possui seis princípios: 1 e 2: princípios de conexão e de heterogeneidade; 3: princípio de multiplicidade; 4: princípio de ruptura assignificante; 5 e 6: princípio de cartografia e de decalcomania. “O rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões”, mas “também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza”. “O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada”. E ainda, “o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43). É pela especificidade do rizoma estudado e elucidado por Deleuze e Guattari, tal como percebemos nas citações, que podemos dimensionar a escrita de Deleuze como rizomática, ou melhor, que o presente filósofo fundamenta sua escrita em uma estética rizomática.

A filosofia do caos em Deleuze, contendo toda essa miscelânea de conceitos, se ajunta na e pela multiplicidade de sua obra, por intermédio de uma escritura-rizoma. Acreditamos que Deleuze escreve não apenas os Mil Platôs em forma de rizoma, mas todas as suas outras obras, pois cada uma delas, pelas linhas de fuga, percorre por um caminho nunca fechado; percorre por um labirinto epistemológico de múltiplas entradas e saídas. A escrita de

¹³ Lembrando que essa divisão foi feita pela editora brasileira 34. A obra original, em francês, não se subdivide.

¹⁴ Não que seja esse o primeiro e mais importante livro escrito por Deleuze, mas um dos livros mais lido e estudado.

Deleuze é uma escrita rizomática e acreditamos ser mais fiel, conhecendo essa estética filosófica, reconhecer Deleuze por essa vertente do rizoma, já que ele esclarece tão bem esse termo e se coloca, com Guattari, como escritores que escrevem em platôs. Sendo assim, podemos mencionar que a aproximação de Deleuze se dá mais pelo segundo do que pelo primeiro motivo acima citados.

Por conseguinte, nos deparamos dentro dessa estética rizomática deleuzeana com outro conceito muito importante dessa filosofia e que também lida com a flexibilidade pertinente ao rizoma e bem quista por Deleuze. Esse conceito é o conceito da ‘Dobra’. Deleuze discute mais demoradamente esse termo na obra **A dobra: Leibniz e o Barroco**, em que o filósofo francês se subsidia nos pensamentos do também filósofo, cientista e matemático alemão, Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 – 1716), especificamente em seu conceito de mônada, e no traço infinito do Barroco¹⁵. Fundamentado tanto em Leibniz quanto no Barroco, Deleuze pensa o seu conceito de dobra, ou melhor, é por intermédio de Leibniz e do Barroco que surge, em Deleuze, o conceito da dobra tal como ele apresenta e discute na presente obra. A nossa intenção aqui não é fazer uma averiguação e discussão dessa obra que por si só já está consistentemente discutida, mas, assim como fez Deleuze, intentamo-nos a capturar dessa obra a conceituação da dobra deleuzeana para pensarmos a filosofia da Diferença, em Deleuze, que des-dobra. Sendo assim, roubar de Deleuze um conceito elaborado por ele mesmo para pensar a filosofia dele próprio. Ou seja, uma filosofia que sustenta a criação pelo caos e esta, que por sua vez se dobra, desdobra e redobra, assim como as dobras do barroco, ao infinito.

O barroco remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, a um traço. Não pára de fazer dobras. Ele não inventou essa coisa: há todas as dobras vindas do Oriente, dobras gregas, romanas, góticas, clássicas... Mas ele curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra. O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito (DELEUZE, 1991, p. 13).

Tal como nos apresenta a citação, Deleuze trouxe uma concepção de dobra muito pertinente ao que estamos discutindo aqui. Assim como o barroco não para de fazer dobras, a filosofia da Diferença, com seus agenciamentos, não para de dobrar o pensamento. Como já discorrido, a filosofia do caos do presente filósofo francês lida com as inconstâncias, com as metamorfoses, com a flexibilidade e com as conexões. Assim como pensar em Deleuze nos remete imediatamente ao rizoma, pensar nessa filosofia caótica da Diferença nos leva a pensar na dobra. Para Deleuze “a dobra é a potência como condição de variação, como se vê no número irracional que passa por uma extração de raiz e no quociente diferencial que passa

¹⁵ Barroco é um estilo artístico surgido na Itália entre o final do século XVI e meados do século XVIII.

pela relação de uma grandeza e de uma potência.” E ainda, “a própria potência é ato, é o ato da dobra” (DELEUZE, 1991, p. 37). Aqui podemos ter uma noção quase matemática da dobra quando Deleuze nos reporta ao número irracional, que, certamente, como ele mesmo prossegue na passagem citada, advém de uma extração de raiz e quociente diferencial. Um entremeio racional-irracional dos números, lidando pela condição de variação, com a potência da matemática que de certa ou em toda forma, se desdobra. A partir desse cenário, tendo como subsídio a filosofia de Deleuze e a variação proposta pela dobra, conseguimos entender, também, e até mesmo afirmar o caos filosófico deleuzeano dentro de um agenciamento que compreende a vida como conexões, ocultas ou evidentes, e que, por mais que tentemos, assim como fizeram tantos outros pensadores, não conseguiremos estabelecer uma certeza inviolável no campo do conhecimento, seja ele científico, artístico, tecnológico e/ou filosófico. Com isso, podemos dizer que Deleuze lida com as incertezas e muito mais que lidar com as incertezas, ele joga com elas. Mas isso não implica e nem pode sustentar um reconhecimento de sua filosofia como algo vulnerável, despida de uma fundamentação e propósito. O que ele não fez, e isso somos capazes de observar em suas obras, foi afirmar um plano de pensamento que tivesse a pretensão de ser superior a outros planos de pensamentos. Ou mais ainda, de consolidar um pensamento que não aceitasse de forma nenhuma, ser questionado. Quando Deleuze nos apresentou os conceitos totalmente desterritorializados de seu terreno conceitual, o que talvez ele quisesse propor foi um jogo de variação, uma potência filosófica que fosse capaz, dentro de um diálogo mais expandido, de dobrar, desdobrar e redobrar o próprio pensamento para além das definições formadas dos conceitos.

Pela dobra deleuzeana conseguimos entender a potência de vibração e modificação do pensamento. O pensamento que pensa diferente, na Diferença, é um pensamento que se caracteriza pela variação da dobra. Pensar o pensamento em Deleuze, que cria pela subversão, pelo caos, implica conhecer de perto a infinitude extensiva da dobra. Deleuze (1991) disse que a dobra, dobra conforme dobra e, aqui, podemos dizer que o pensamento dobra conforme a dobra do próprio pensamento. Há dobras no pensamento deleuzeano e o pensamento em Deleuze, que força a criação, é um pensamento em dobras. Entender esse pensamento, essa dobra, a infinitude que acabamos de ressaltar, requer um cuidado especial para não prolongar um entendimento, como já dito, de vulnerabilidade. Assim como no pós-estruturalismo contém parcelas significantes do estruturalismo, o infinito comporta boa parte do finito, afinal, Deleuze parte das bases. O que ele nunca fez, foi se ancorar nelas. O infinito em Deleuze, nada mais é do que o finito dobrado, desdobrado e redobrado. Por isso ele dizer que “dobrar-desdobrar já não significa simplesmente tender-distender, contrair-dilatar, mas

envolver-desenvolver, involuir-evoluir” (DELEUZE, 1991, p. 22). E é nesse ponto que seus próprios conceitos, sua própria filosofia deve ser também questionada, envolvida-desenvolvida, involuída-evoluída. Uma reflexão que seria interessante fazer dentro desse âmbito, quando Deleuze indica que dobrar-desdobrar não significa tender-distender, contrair-dilatar, seria pensar esse pensamento que dobra, não como um elástico (que tende-distende e que contrai-dilata), mas como as dobras de um leque que, uma vez dobrado, quando desdobrado, contém, em e pelas as suas marcas, a experiência do ato da dobra.

O pensamento não sai ileso na filosofia de Deleuze, pois é marcado, e o mesmo, nessa filosofia, por mais que se dobre, se desdobre e se redobre, leva consigo as marcas/curvas desse envolvimento, desenvolvimento, involução e evolução. Nada retorna ao ponto zero, do zero. Do ponto zero se parte levando a variação de suas dobras. É por isso que a filosofia de Deleuze é uma filosofia difícil, de entendimento penoso, porque o pensamento é torcido, marcado pelas dobras de uma filosofia do caos¹⁶. O trabalho com esse pensamento é um trabalho de combate, de exposição e as dobras nesse e desse pensamento são as experiências do processo. Segundo o professor de filosofia da educação, Jorge Larrosa (2002), fundamentado em Walter Benjamin, a experiência é aquilo que nos passa, nos toca e, com isso, nos transforma, porém, o ser da experiência precisa ser um ser ex-posto:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002, pp. 24, 25, grifos do autor).

Compreendendo o contexto da dobra em Deleuze, que marca o pensamento e que faz deste uma constante relação de força, podemos pensar com Larrosa que esse ser da experiência, que se expõe, que passa por situações de vulnerabilidade e corre riscos é também um ser da Diferença. Um ser da multiplicidade, que lida com as inconstâncias, um ser que está sempre aberto às possíveis e diversas conexões. O ser em Larrosa, que se sente tocado e transformado pela experiência é um ser/traço do barroco, com suas curvas, com suas assimetrias, com suas marcas, com suas dobras. Deleuze conduzindo o seu pensamento na elaboração de uma filosofia marcada/dobrada por e em outras filosofias, certamente se

¹⁶ Assim, “Deleuze reafirma que o pensamento só pensa mediante o acaso de um encontro que o violenta, que o force, que o coaja a pensar aquilo que precisa, que é necessário, que não pode mais deixar de ser pensado. Deleuze insiste que por si mesmo o pensamento não pensa, não cria, que o que importa é o que o força a sair de seu estado letárgico de mais baixa potência: da recogitação” (HEUSER, 2010, p. 31).

colocou como um ser de experiência. Um ser de rupturas a um ser que rompe. Uma filosofia dobrada a uma filosofia que desdobra. Deleuze compreendeu as dobras da filosofia quando foi tecendo a sua própria filosofia. Para escrever **A dobra: Leibniz e o Barroco**, Deleuze não focou somente em Leibniz e no Barroco, mas nas dobraduras a que tais focos estão interligados. Pensar no Barroco, certamente levou Deleuze a pensar em Mallarmé, pois, segundo Campos (2000), a dobra é provavelmente a noção mais importante desse poeta barroco; levou a pensar na estética; na cronologia histórica; em seus fundamentos, posições e contraposições; entre outros. Pensar em Leibniz e em seu conceito de mônada, certamente tenha levado Deleuze a pensar na matemática; na razão dos números e dos pensamentos; em toda uma organicidade constituinte desse campo do conhecimento. Com isso podemos dizer que todo pensamento, toda filosofia, todo o conhecimento, vieram de dobras, partem de dobras e, conseqüentemente, se desdobram e redobram ao infinito.

Possivelmente em Deleuze, compreendendo a flexibilidade, ou melhor, a mobilidade de sua filosofia, o infinito, tão almejado, seja, por necessidade da Diferença, inatingível. Não se poderá conhecer a linha de chegada do infinito por ser ele, pela dobra, um espaço de eterna travessia. Não se pode alcançar o infinito pela mesma razão da qual não se pode desvendar qual seja a principal entrada e saída do rizoma, já que este é composto por múltiplas entradas e saídas. Tendo em vista o presente contexto, podemos dizer que, compreendendo a travessia nunca finda do infinito é que, no **Mil Platôs Vol.1**, Deleuze e Guattari (2011) foram tão incisivos em ressaltar a importância de nunca semearmos, mas picarmos; a importância de nunca sermos nem unos e nem múltiplos, mas multiplicidades e, mais ainda, a necessidade pontual de promovermos linhas e jamais pontos. É por intermédio desse cenário da Diferença que todo o pensamento é rápido, mesmo parado, ou melhor, subsidiado pela dobra do pensamento, a filosofia de Deleuze, segundo Lancy (2000), também libera, pela via do oco da dobra, “possibilidades totalmente inéditas, possibilidades de salto que entretanto não equivalem a lançar-se a outro lugar. Dobrar, saltar no mesmo lugar, e, assim, deformar, deslocar o solo (o fundamento, ou seu infundado)” (p. 113). Nesse intuito, como pontuado, tanto a dobra quanto o infinito, em um pensamento resguardado por um posicionamento deleuzeano, são correligionários na Diferença. A dobra, como Deleuze mesmo pontuou, é um seguimento infinito, é um traço que compreende o infinito e este, por sua vez, dá-se pelas dobras nunca findas. Podemos fazer uma reflexão, tendo tal fato como ponto de partida, de que a obra: **A dobra: Leibniz e o Barroco**, mesmo possuindo como título ‘a dobra’ propriamente dita, não é uma obra que fala apenas da dobra, mas que, ao compreender o infinito a que esta está cumulada, fala-se diretamente da desdobra e da redobra. Dobra,

desdobra e redobra constitui o infinito do pensamento em Deleuze e este, no que lhe concerne, não compreende apenas aquilo que está avante, mas também anteriormente. Capturando a dobra por essa perspectiva, lidamos com o infinito de uma forma totalmente diferente, ou seja, com um infinito que, por essência, não é nada linear. É por esse mesmo fato que temos também, na filosofia da Diferença, o conceito de territorialização, desterritorialização, reterritorialização e, conseqüentemente, o nomadismo. O que deve ficar claro é que, por mais que falemos de dobra, desdobra, redobra, infinito; territorialização, desterritorialização, reterritorialização e nomadismo, estamos falando de uma sucessão de acontecimentos que não segue uma linearidade, ou melhor, a dobra nem sempre vem sucedida pela desdobra e esta pela redobra, mas o inverso também acontece. O que queremos ao fazer essa conexão é mostrar que, pelo infinito, a dobra é uma composição de desdobra e redobras aleatoriamente e que, pelo nomadismo (o infinito da travessia), o território da diferença é um agenciamento produtivo desordenado entre reterritorialização-territorialização-desterritorialização.

E por que desordenado e aleatório? Por tudo o que viemos dizendo acerca dessa filosofia que é uma composição de pensamento do e no caos. Claro, o que não evidencia um descomprometimento com a seriedade do pensamento, mas que, por outro lado, tem a seriedade como uma desvinculação do pensamento do seu terreno acostumado, isto é, terreno arquitetado para que ele fique cômodo e confortável. Deleuze reafirma a seriedade do pensamento quando o coloca em sua real função, o de pensar. Sendo assim, as máquinas de guerras do pensamento agem em duas frentes de combate: no próprio pensamento e no pensamento modificado. Este último (o pensamento modificado), dentro de um agenciamento da Diferença, torna-se, ele mesmo, uma máquina de guerra. Por isso que na filosofia de Deleuze nunca iremos encontrar passagens teóricas que afirmem a necessidade de comodismo e conforto do pensamento, mas muito pelo contrário, observaremos diversas vezes e com veemência, passagens subversivas, profanas e rebeldes, tais como:

- “Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode” (O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia – DELEUZE; GUATTARI, p. 11);
- “Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados” (Crítica e Clínica – DELEUZE, p. 14);
- “Pois é pela escrita que nos tornamos animais, é pela cor que nos tornamos imperceptíveis, é pela música que nos tornamos duros e sem recordação, ao mesmo tempo animal e imperceptível: amoroso” (Mil Platôs V. 3 – DELEUZE; GUATTARI, p. 57);

- ““Toda escrita é PORCARIA” (isto é, toda palavra detida, traçada se decompõe em pedaços ruidosos, alimentares e excremenciais)” (Lógica do Sentido – DELEUZE, p. 91, grifo do autor);
- “Poderosa vida não orgânica que escapa dos estratos, atravessa os agenciamentos, e traça uma linha abstrata sem contorno, linha da arte nômade e da metalurgia itinerante” (Mil Platôs V. 5 – DELEUZE; GUATTARI, p. 223).

Como pudemos observar, Deleuze teve uma estética de escrita muito própria. Em comparação com Nietzsche, que também possuiu uma forma aberta, rebelde e inusitada de escrever para a época. O filósofo francês ousou e, sem nenhum pudor, encabulou a filosofia da seriedade com seus pensamentos transgressores ao fazer da própria filosofia um espaço para que se pudesse colocar palavras que, dentro de uma norma culta, eram tidas como esdruxulas. Encabular é também função do pensamento. Um pensamento liberto, ele, de certa forma, choca muito. Um pensamento acostumado não se torna máquina de guerra. Ele não tem função, não faz agenciamentos, não transita pelas vias infinitas da dobra e, para ser mais enfático ainda, ele não pode ser considerado pensamento. O pensamento não é peso morto, pois é, antes de tudo, movimento. Então o que viria a ser esse ‘pensamento cômodo’? Certamente o cárcere do pensamento. Cárcere e pensamento são coisas totalmente diferentes. O pensamento que decora, não é pensamento, mas repetência. O pensamento que não pensa, para Deleuze, não é pensamento. O pensamento ele torce a si próprio dando outras possibilidades. Ele abre as possibilidades. É nesse plano que o pensamento cria. Ele torna-se cria e criação. A filosofia para Deleuze, como já ressaltado aqui, tomando emprestado o que está na obra **O que é a filosofia?**, é a criação de conceitos. Nesse sentido, tendo o pensamento como forte influência filosófica, podemos dizer que, deleuzeanamente, a criação de conceitos se dá na e pela agressão do e com o pensamento. O pensamento agride o conceito e, conseqüentemente, o conceito se desterritorializa, ganha outra potência, se libera, pela dobra, de sua condição primeira:

Com *Leibniz e o Barroco* a dobra libera-se e “vai ao infinito”. Línguas menores, como em Kafka, são vistas liberando-se da gramaticalidade de uma língua maior etc, etc. Com operações de liberação, os liberados são como que levados a variados reencontros de suas virtualidades (ORLANDI, 2000, p. 54, grifos do autor).

E tal fato vem de uma motivação que

consiste na tendência de liberar o próprio pensamento no sentido da liberação das diferenças internas daquilo que dá o que pensar. Como as operações de liberação levam os liberados a certo reencontro de suas virtualidades, e como o plano de imanência é essencialmente virtual, então, liberar conceitualmente algo vem a ser, portanto, um modo filosófico-deleuziano de vida, uma maneira de viver entretempos abertos no decurso de uma existência empírica, uma maneira de frequentar

construtivamente um plano que, apesar de imanente, deve ser construído (IBIDEM, 2000, p. 55).

Luiz Orlandi, nessas duas passagens, subsidia aquilo que viemos falando acerca do pensamento que produz e que é produção ao mesmo tempo. Nada está cerrado e nada se conclui. O pensamento se conecta fazendo linhas, tanto de conexão quanto de fuga. Dessa forma, movimentam-se diversas liberações e dessas, outras liberações são ocasionadas e qualquer que seja o campo do saber, do conhecimento, é passível de ser repensado, afinal, refletindo tendo como fundamento a segunda citação de Orlandi, a filosofia de Deleuze cria os conceitos, promove o pensamento, porque tais propostas dão o que pensar. É nesse intuito que novamente reafirmamos que o pensamento, na filosofia da Diferença, com suas dobras, desdobram e redobram ao infinito. Tal como o mapa, que é aberto e conectável em todas as suas dimensões, que pode ser desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30), também é a filosofia que des-dobra por intermédio de um pensamento do e no caos em Deleuze. Deleuze, ao pensar o rizoma como um mapa, assim como definido por ele e Guattari, de certa forma define também os contornos de sua filosofia. Pois bem, ele, na companhia de Félix Guattari, escreveu em plâtos, e estes, por sua vez, compuseram um rizoma de pensamento tanto em dupla, quando individualmente. Quando individualmente, Deleuze nunca esteve só, mas subsidiados pelas dobras feitas no e com os pensamentos de Nietzsche, Artaud, Foucault, Espinoza, Kafka, Proust, entre outros. Com isso, podemos dizer que Deleuze esteve sempre acompanhado e sua filosofia, a filosofia da Diferença, é uma filosofia da posição do pensamento que, na Diferença, movimenta um circuito de sutilezas imperceptíveis e singulares dentro dos conceitos e do próprio pensamento. A Diferença em Deleuze, fazendo uma interpretação bem particular, está nas semelhanças que nunca se encontraram, nas vizinhanças, no íntimo desconhecido dentro de um mesmo conceito e que foram sendo apresentados por uma forma subversiva de pensar. No mais, falar da Diferença Deleuzeana é expor um campo árduo de trabalho, nada cômodo, nada fácil, porque se lida com a multiplicidade, com o caos, com as dobras. O avesso da dobra, pertencente à dobra, vizinha da dobra, é a Diferença da dobra. E a dobra, no caos filosófico aqui apresentado, certamente é a Diferença do pensamento.

Referência Bibliográfica

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Trad.: Teixeira Coelho. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. “Barrocolúdio deleuzeano”. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação de Tradução: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. Trad.: Luíz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **A imagem-tempo**. Trad.: Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Crítica e Clínica**. 2ª ed. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Diferença e Repetição**. Trad.: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

_____. **Empirismo e Subjetividade: ensaios sobre a natureza humana segundo Hume**. 2ª ed. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Foucault**. Trad.: Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2013.

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: IMAGO EDITORA, 1997.

_____. **Lógica do Sentido**. 4ª ed. Trad.: Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Nietzsche**. Trad.: Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2014.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Trad.: António M. Magalhães. 2ª ed. Porto: Rés-Editora, 2001.

_____. **Proust e os signos**. 2. Ed. Trad.: Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Sobre teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Trad.: Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Consta. São Paulo, Editora 34, 2011.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Trad.: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Trad.: Suely Rolnik. São Paulo, Editora 34, 2012.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Trad.: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____; _____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2ª ed. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011a.

_____; _____. **O que é a filosofia?** Trad.: Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

HEUSER, Ester Maria Dreher. **Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino da filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. Trad.: João Wanderley Geraldi. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002.

MARTON, Scarlett. “Deleuze e sua sombra”. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação de Tradução: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

NANCY, Jean-Luc. “Dobra deleuzeana do pensamento”. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação de Tradução: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo**. Trad.: Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ORLANDI, Luiz B. L. “Linhas de ação da Diferença”. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação de Tradução: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Trad.: Caio Liudvik. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.